

O desejo *borderline*

Christopher Bollas

A personalidade *borderline* busca inconscientemente a turbulência emocional. Embora doloroso e perturbador, o estado de tumulto é desejado, e, paradoxalmente, o encontrar-se num estado de angústia produz gratificação.

A obra de Christopher Bollas, psicanalista norte-americano que se formou e estabeleceu clínica em Londres, tem sido objeto de um interesse crescente, inclusive no Brasil. Desde *A sombra do objeto* (1987), seu primeiro livro, este pensador inquieto não tem cessado de produzir e publicar, contribuindo para a comunidade psicanalítica com diversos livros, alguns já traduzidos para o português. Em 1997, na ocasião de sua passagem por São Paulo, Bollas concedeu a *Percurso* uma entrevista rica em diversos aspectos, revelando um analista sensível, original e crítico, e especialmente atento e preocupado com os problemas relativos ao movimento e à formação psicanalíticas. Mesmo reconhecendo suas afinidades com o Grupo Independente da Sociedade Britânica de Psicanálise, na qual fez sua formação – tendo integrado, inclusive, o grupo que organizou e publicou a obra póstuma de Winnicott –, optou por uma não-participação mais incisiva nessa Sociedade: “escolhi manifestar-me contra os movimentos oficiais dentro da Psicanálise; sou contra qualquer forma de kleinismo, lacanismo, winnicottismo, com exceção do freudismo”. Ao mesmo tempo, observamos uma presença crescente do autor no cenário internacional.

A sua passagem por São Paulo surpreendeu a muitos que freqüentaram seus seminários clínicos em um aspecto curioso: por vezes esperava-se que alguns pacientes fossem tomados como casos *borderline*, mas acabavam sendo tratados por Bollas como formas de histeria. Alguns colegas habituados ao pensamento do autor questionaram-no sobre esse ponto, perguntando sobre se a clínica do fronteiro havia perdido valor a seus olhos, já que agora “tudo parecia ser histeria”. Bollas respondeu que havia um exagero e um uso indiscriminado do diagnóstico de *borderline*, o que serviu como uma verdadeira interpretação sobre os descaminhos do movimento psicanalítico; tratava-se de um importante alerta, especialmente vindo de um analista afim ao Middle Group. Ora, o autor preparava, nessa ocasião, o seu mais recente livro – *Hyste-*

Este trabalho foi apresentado no 39º Congresso da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), São Francisco, EUA, 1995. Tradução: Karina Hotimsky Iguelka; Revisão: Eliana Borges Pereira Leite, Mania Deweik, Lilian Quintão e Decio Gurfinkel.

Decio Gurfinkel é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, do qual é professor dos cursos de Psicanálise e Psicossomática. Mestre e doutorando pelo Instituto de Psicologia da USP, é autor dos livros *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições* (Ed. Casa do Psicólogo) e *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania* (Ed. Vozes).

ria –, e declarou estar tendo uma aproximação bastante fecunda com a psicanálise francesa, reconhecida por ele como a principal fonte que sustentou e renovou o lugar desta estrutura clínica na psicanálise pós-freudiana. Na introdução do livro, lemos: “pensar o histérico por meio das lentes teóricas da personalidade *borderline* havia se tornado [em meados da década de 1980, nos EUA] uma espécie de tragédia”². O analista sensível aos movimentos da história da psicanálise escutou neste fenômeno “uma demanda inconsciente da comunidade terapêutica de se reconsiderar a histeria”³.

Haveria sempre um fundo histérico nos casos *borderline*? Bollas, atento aos riscos do conhecido fenômeno da “curvatura da vara”, respondeu prontamente a esta pergunta da Percurso: “não!”⁴ Os *borderline* continuam a existir! É fundamental distinguirmos a histeria da patologia *borderline*, guardando e sabendo reconhecer a especificidade de cada um dos quadros clínicos. Em um dos seminários de São Paulo, Bollas respondeu à mesma indagação fazendo referência a um trabalho seu então recém-publicado, “*Borderline desire*”, no qual procurava apresentar algumas idéias a respeito da especificidade do *borderline*. É este o trabalho que Percurso escolheu para traduzir e trazer a seu público leitor. Trata-se de artigo conciso, instigante e expressivo, que tem como eixo conceitual uma hipótese de base a respeito do objeto primário do paciente *borderline*; a partir desta, Bollas procura compreender a adicção particular deste tipo de organização psíquica ao tumulto e às tempestades emocionais: o indivíduo está sempre em busca de um efeito que é, no fundo, a própria forma do objeto primário e, portanto, o único meio de unir-se a ele. O artigo fala diretamente ao clínico, em especial aos analistas exauridos pelo “tumulto de transferência” de certas análises, marcadas por esta forma particular e demoníaca da compulsão à repetição.

A tradução que se segue baseia-se na versão original do artigo, publicada na revista *International Forum of Psycho-analysis* (n. 5, pp. 5-10, 1996). Posteriormente, Bollas o incluiu como capítulo de um livro, “*The mystery of things*”⁵, com pequenas modificações e alguns acréscimos, inserindo também uma *vinbeta* clínica; entretanto, perderam-se, ao nosso ver, alguns detalhes significativos nesta nova versão: duas notas foram suprimidas, uma que faz referência às idéias de Green em O trabalho do negativo, e outra que menciona um trabalho anterior do próprio Bollas – “O ódio amoroso”⁶ – no qual podemos reconhecer claramente a gestação das idéias de “*Borderline desire*”. Tratam-se de pequenas pistas que o autor se deu o direito de apagar, quem sabe para aumentar a graça da nossa “caça ao tesouro”.

Decio Gurfinkel

Alguns anos atrás, tendo avançado bastante na análise de uma paciente *borderline*, pareceu-me que suas freqüentes tempestades emocionais – ocasiões de fragmentação profunda – eram um estranho objeto de desejo. Quando ficava transtornada ao lembrar-se de algum episódio de sua vida, ou devido a algo que eu havia dito ou não dito, havia feito ou não feito, seus sentimentos disparavam naquela intensidade enraivecida “já instalada”, tão familiar aos que trabalham com pacientes *borderline*; mas com esta paciente, além disso – por ela ser, por sorte, alguém excepcionalmente consciente de si mesma – tornava-se claro também que, uma vez atingida, esta experiência era ardentemente abraçada. O que isto significa, e o que nos ensina a respeito de alguns ou talvez de todos os analisandos *borderline*?

Em geral, conferimos um caráter figurativo aos objetos do mundo interno. Um bom objeto, um mau objeto ou um objeto bizarro nos evocam, de alguma maneira, um

outro especular. E se o objeto primário não for assim tão figurativo? Não me refiro aqui a qualquer objeto, já que evidentemente todos concebemos objetos internos; mas e se o objeto primário – o objeto paradigmático de todos os objetos, constituído no primeiro ano de vida – for experimentado não só como disruptivo, mas como a própria disruptão, e portanto representado

E se o objeto primário não for assim tão figurativo? E se for disruptivo, experimentado como a própria disruptão, e portanto representado por um tumulto emocional?

por um tumulto emocional? E se o *status* essencial deste objeto primário estiver calcado menos em seu caráter especular do que no tumulto emocional que ocorre no *self* quando se o tem em mente?^{7, 8}

Um afeto ocupa o lugar de algo que estaria por nascer: a matriz de um objeto “comum”, o “material” para representar. Os sentimentos são o próprio objeto. Conseqüentemente, os colapsos do *borderline*, caracterizados pela fragmentação do ego, criam uma relação com o ob-

jeto tristemente irônica: apesar de temido, ele permanece sendo o objeto primário e, portanto, inevitavelmente desejado.

Um dia, ao sentir que eu havia feito um comentário insensível, minha paciente lançou-se, repentina e inesperadamente, em uma fúria profundamente desorganizadora. Além de tê-la forçado a abandonar a trégua em que se encontrava –

se há um tempo com saudades, alguém que conhecesse muito bem e que receberia suas evacuações de fezes e vômito conforme ela se atirasse para dentro dele; tratava-se de um movimento forçado “para dentro” do objeto, a ser alcançado por um entregar-se a si mesma a fúrias invasivas.

“Você se apropriou do meu comentário com intenso prazer,

bém não suporta perder”. Um outro dia: “acho que isso é um *tipo* de mãe a quem você não quer renunciar, uma sensação de mãe que permite que você se esvazie dentro dela, e que ela se esvazie dentro de você”. Em seguida, por repetidas vezes: “você está com raiva de mim agora; eu a aborreci, e me tornei o espírito perturbador que, agora que ele finalmente chegou, você não quer que a deixe”. E ainda outras vezes: “ao perturbá-la como fiz, penso que você sente que lhe ofereci uma mãe sob medida para a sua merda; mas você está confusa, porque ao mesmo tempo em que quer, você detesta tudo isso”.

O trabalho com pacientes *borderline* sugere a seguinte hipótese: tenham sido eles crianças inerentemente perturbadas ou desorganizadas pelo ambiente, ou ambos, seu objeto primário é menos uma possibilidade de introjeção – um fenômeno especular disponível para um desenvolvimento por revisões progressivas – e mais um efeito recorrente no *self*. Como o vento que sopra entre as árvores, é algo que se move através do *self*. Uma vez que qualquer emoção insinua a presença deste objeto, o *borderline* está sempre tentado a buscá-lo através da amplificação de um sentimento comum, que assim se transforma em uma poderosa experiência emocional.

Tal turbulência não é simplesmente um afeto. Este estado mental tem como característica uma intensidade mental violenta – um pensar, pensar, e mais uma vez pensar sobre *x* –, geralmente acompanhada de um falatório inútil sobre *x* que, ao final, por um lado inunda a mente com um conteúdo mental excessivo, e por outro oprime aquele que escuta com um falar desmedido. O objeto torna-se um “redemoinho” de pensamentos que desafia qualquer centro a contê-lo⁹. Falar ou pensar desse modo não é um alívio, como poderia ser para qualquer outro tipo

Mesmo que aquela paciente
perseguisse seu objeto
– agora sob a forma de uma
turbulência de elementos
fragmentados –
sentia-se mais próxima
de mim quando eu me
tornava aquele que motivou
tal angústia.

caracterizada pela idealização que fazia de mim – para fazê-la crer que agora eu era inútil e indigno de confiança; além de ter provocado uma intensa dor relacionada à minha perda; além de tê-la feito sentir que havia me mutilado, e agora seria infestada por minha vingança; e além dos muitos outros fios que foram entrelaçados a fim de se atingir tal estado emocional, esta turbulência também parecia ser deliciosa. Era como se ela houvesse encontrado um outro de quem já estivesse

como se eu lhe tivesse oferecido a oportunidade de, mais uma vez, ser levada a agitar-se”, eu disse. Mesmo que ela perseguisse seu objeto – agora sob a forma de uma turbulência de elementos fragmentados – sentia-se mais próxima de mim quando eu me tornava aquele que motivou tal angústia. Mais tarde, nesta mesma sessão: “penso que esta turbulência é um lugar muito familiar, como se você estivesse guardando dentro de si algo que não pode suportar, mas que tam-

O foco limitado deste trabalho destina-se a indicar como esta turbulência é um objeto; um objeto que emerge em um momento emocional intenso, mas que, conforme evolui, ganha uma forma mais complexa.

de pessoa, mas exatamente o oposto: promove o agravamento da dor que ocasionou a reação inicial. Em linguagem comum, curtem “foder a mente”, seja azucrinando a própria vida psíquica com pensamentos que oprimem e perturbam, seja fodendo a mente do outro com uma fala angustiada e infundável. Eles criam este poderoso objeto primário no outro, pois inconscientemente acreditam que isto possa estabelecer uma verdadeira intimidade. O outro não-*borderline* se sente invadido, e pode mesmo ensaiar alguma “ação evasiva”; já o outro *borderline* sente que, por mais perturbadora que seja a relação, ela é, não obstante, fonte da mais profunda verdade e beleza. Mas, por fim, até mesmo o *borderline* – que sofre pelo excesso ou por ser excessivo – precisa recuar para um isolamento do *self* a fim de recompor-se, antes de entregar-se mais uma vez, inevitavelmente, a seu objeto de desejo¹⁰.

O foco limitado desse trabalho destina-se a indicar como esta turbulência é um objeto; um objeto que emerge em um momento emocional intenso mas que, conforme evolui, ganha uma forma mais complexa: torna-se um modo de pensar e um modo de falar que provê um molde interno, constituído por uma determinada configuração de afeto, pensamento e discurso.

Apesar de a turbulência preencher o lugar do objeto primário, o *borderline* cria também objetos terciários, construídos para existirem “fora” dos domínios do objeto primário. Estes objetos contêm as características de um trabalho do falso *self* – são construções montadas de modo frágil e deliberado –, e são sentidos como evitação de uma verdade essencial. Eles protegem o *self* de estados de opressão, considerados muito perigosos para serem liberados. Podemos pensar em Dante, profundamente arrebatado por Beatriz¹¹. Ele a olha atra-

vés de um quarto, siderado e atormentado, e teme por um momento que outros tenham também visto seu objeto de amor; mas, ao contrário, o que viram foi uma outra mulher, posicionada em “linha direta” com a que ele vê. “Imediatamente”, escreve, “pensei em fazer dessa bela dama um anteparo para a verdade” (*Vita Nuova*, p.7); ora, isto faz lembrar a maneira pela qual as pessoas *borderline* criam objetos encobridores, substitutos do objeto de desejo escondido, o que oferece uma condição mínima para que muitos deles possam atravessar a infância.

Mas este outro primário é a perturbação “ela mesma”, e Dante quase chega a dizer que a emoção é a coisa. “Poderia... causar perplexidade o meu discurso sobre o Amor, como se ele fosse uma coisa em si mesma, como se fosse não apenas uma substância intelectual mas também uma substância corpórea. Na realidade isto é falso, pois o Amor não existe em si mesmo como uma substância; ele é, de fato, um acidente na substância” (p. 53). Um acidente na substância. Pensemos em como as pessoas *borderline* desmoronam em pedaços. Elas parecem psiquicamente propensas a acidentes, ainda que lançadas ao tormento pela aparente falta de sensibilidade do outro. E se, para elas, o objeto primário operar através deste tipo de acidente? E se, por qualquer motivo, o bebê ou a criança experimentou a mãe como um movimento disruptivo, posteriormente apenas reconhecível como uma transformação negativa do *self*? Um acidente na substância? Se for assim, o objeto de apego é o rastro emocional profundamente perturbado do outro, que abarca o terror, a raiva e o ódio destrutivos despertados no *self borderline*; uma angústia persecutória que, além disso, liga o *self* e seu objeto efetivo no momento através de um combate psiquicamente indistinguível de forças negativas.

Como Ahab seguindo o rastro de seu atormentador – Moby Dick –, o *borderline* persegue inconscientemente o objeto que agita o *self*². “Ahab nunca pensa; apenas sente, sente e sente: isso é suficientemente arrepiante para o homem mortal!”, diz ele à sua tripulação, horas antes da sua morte. Na mesma passagem, ele reflete sobre o vento: como pode ser ele um “vento vil”, que sopra “através dos corredores e celas das prisões e das enfermarias de hospi-

cie particular de corpo – aquele tipo diferente de coisa em si sobre a qual Dante escreveu – um objeto primário do qual tomamos conhecimento por seu efeito.

Aquele “arrepio” sobre o qual falou Ahab, ou os estados de arrebatamento amoroso de Dante e de outros poetas que escreveram de seus amores como aflições, é o traço psico-sensacional de um particular objeto do desejo. O *self* é excitado pelo outro, que é percebido

abrindo seu caminho em direção a uma vontade genuína; trata-se da emoção evocada por um impacto perturbador. Uma vez despertada, a fúria da força persecutória do *self* assume vida própria, tornando-se um corpo moldado e sustentado pela fúria.

As pessoas *borderline* mantêm este outro dentro de si unindo-se a parceiros que continuamente as excitam, ou cultivando um “objeto *borderline*” – por exemplo, o pensar reiterado em um parceiro ou mesmo em qualquer causa excitante, como a dos direitos das vítimas ou a do meio ambiente – que permita a qualquer momento evocar a turbulência que aflige o *self*, e que tenha a função de provocar uma escalada crescente: a partir de uma única “infração” – por exemplo, um caso de estupro ou de derramamento tóxico – chega-se ao redemoinho furioso do apocalipse psíquico que circunda a questão. O objeto *borderline* funciona como um estímulo emocional impactante que, uma vez evocado, desperta o sensorio. O fato de o objeto *borderline* localizar-se com frequência na fronteira entre o externo e o interno – relacionado a um acontecimento externo, mas imediatamente evocado internamente – dá testemunho do seu lugar inconsciente: um fora que é ao mesmo tempo um dentro. O *self* está na borda de uma simultaneidade de valorações: o objeto que impacta o ego e o coloca em alerta, e o objeto que toma a forma precisa das características do mundo interno do sujeito naquele momento.

Com frequência, as personalidades *borderline* tentam compartilhar um objeto *borderline* com outros, como uma maneira de dividir o pão na comunhão da turbulência. Possuem uma estranha habilidade excepcional para levantar, nas conversas, assuntos propícios a evocar o máximo de impacto emocional no outro, muitas vezes jogando inconscientemente com a

O fato de
o objeto *borderline*
localizar-se com frequência na
fronteira entre o externo e o
interno – relacionado a um
acontecimento externo, mas
imediatamente evocado
internamente – dá testemunho
do seu lugar inconsciente:
um fora que é ao mesmo tempo
um dentro.

tais, e agora vem soprar aqui tão inocentemente, como que em pele de cordeiro?” (p. 460). Há “algo tão imutável” e forte no vento, diz Ahab, que o impulsionou pelos mares do mundo. “Se ao menos o vento tivesse um corpo... No entanto, todas as coisas que mais exasperam e ultrajam o homem mortal são incorpóreas, mas apenas incorpóreas enquanto objetos, e não enquanto agentes” (p. 461). O objeto enquanto agente possui uma espé-

do sensorialmente e trazido à transferência por inoculação, na contratransferência do analista, de um crescente e sensacional turbilhão de sentimentos que unem o *self* e o outro em uma confusão. Não se trata de uma confusão do pensamento enquanto tal, mas de uma fusão através da aflição: ambos em conjunção respiratória, unidos pelo coração disparado e pelos picos adrenérgicos. Este desejo não é originado no núcleo pulsional do *self*,

sua vulnerabilidade na ocasião. Assim procedendo, fazem com que este tema da conversa coloque o *self* e o outro em um breve estado de fusão encapsulada, propiciado pela angústia compartilhada; no entanto, a personalidade não-*borderline* em geral rejeita estas tentativas de transformar o sofrimento pessoal em um festival de angústia.

O reconhecimento de seu desejo permite a estes pacientes refletirem sobre a resistência à mudança

de fato, de uma estranha ironia. Mas se considerarmos a ausência de catástrofe como o espaço vazio que se segue ao desaparecimento do outro – e bastaria ler *Moby Dick* para ver a solidão e o vazio profundos de Ahab enquanto vasculhava os mares desertos em busca de seu atormentador –, então poderemos compreender como o *borderline* percebe formas não catastróficas de conhecimento como autodestrutivas.

jeto primário é estranhamente nutritiva. O alimentar-se das próprias tempestades emocionais – que é, afinal, o que este outro proporciona – ou o procurar uma catástrofe na qual se agarrar, não nos é de maneira alguma desconhecido: a arte e a literatura ilustram, através de muitos exemplos, o *self* alimentando-se de raiva, alimentando-se de inveja e alimentando-se de perdas. Estes alimentos são nutrientes compensatórios, à medida que o *borderline* faz uso do objeto-como-agente como aquele que oferece um alimentar-se que busca transformar uma relação traumática em uma espécie de relação nutritiva. A técnica suficientemente boa do analista é por vezes experimentada como estranhamente privativa, já que parece evitar este tipo de alimentação; mal-entendidos podem ser buscados, por sua vez, para que o *self* se farte com estados mentais perturbados.

Um “*self* vertiginoso”, sempre à beira da catástrofe: o paciente *borderline* espera por momentos catastróficos para poder “ordenhá-los” quando surgem. O tormento é o objeto primário acenando a ele para que mergulhe nas profundezas, e é difícil resistir à tentação. “Sei que gosto de viver *à beira*”, disse-me um paciente, referindo-se a um tipo de suspense de baixo nível, sem nunca saber se cairia no redemoinho de intenso conflito ou se conseguiria se salvar com segurança. A beira ou a borda. Uma linha que essa personalidade conhece muito bem, uma fronteira tangível e que ela atravessa, equilibrando-se, sempre a ponto de cair e, ainda assim, geralmente capaz de se trazer de volta.

As personalidades *borderline* procuram, muitas vezes, trabalhar em serviços relacionados a catástrofes, tais como aconselhamento a vítimas de terremotos ou de desastres naturais, servindo como voluntários em programas de apoio a tais pessoas. Têm uma fantástica habilidade em compreender que estas vítimas são

Aquele tipo de verdade
que é um desastre,
aquilo que transforma
a vida comum em loucura,
é uma verdadeira tentação
para o *borderline*.
O catastrófico é sentido
como revigorante;
trata-se de fato
de uma estranha ironia.

psíquica, e a perlaboração se dá através do abandono progressivo da relação com o objeto primário, o que gera um tipo muito particular de angústia. Certas explosões de afeto podem ser freqüentemente compreendidas, por sua vez, como o ressurgimento desafiador de um apego ao objeto primário: o afeto como coisa¹³. Aquele tipo de verdade que é um desastre, aquilo que transforma a vida comum em loucura, é uma verdadeira tentação para o *borderline*. O catastrófico é sentido como revigorante; trata-se,

Se para o *borderline* o tumulto é a presença do objeto, a ausência dele é também uma representação afetiva do mesmo objeto primário.

De fato, o vazio psíquico é parte da morada do outro no *self*, uma consequência inevitável do efeito provocador deste objeto sobre o *self*: cutucado, e depois abandonado. *Preenchido* por uma angústia enfiada, e depois *esvaziado*. Completude e vazio: estados do *self* que exprimem o contato com *esse* objeto.

A turbulência emocional renovada com o reaparecimento do ob-

abaladas pelo objeto como agente, por algo impessoal e, no entanto, familiar, algo que toca o núcleo do *self* e o habita, como que em uma posse maligna. Elas sabem o que é ter a convicção de que a vida está irreversivelmente determinada por um acontecimento chocante, mas a adicção inconsciente ao choque da qual sofrem, sua busca de revivê-lo a fim de excitar-se – procurando estar próximos do que acreditam ser a verdade última –, impede-os de livrar qualquer verdadeira vítima de uma vida de catástrofe. Conhecemos bem a vítima inconscientemente devotada: o homem que nunca se recupera de um acidente de automóvel, a mulher que nunca se recupera de um estupro, ou o homem que não pode falar de nada além do terremoto que presenciou. O investimento do objeto está precariamente disfarçado: um objeto cuja evocação estimula o sensorio e reúne a pessoa à sua verdade.

O sensacionalismo *borderline* dá coesão ao *self*, ao mesmo tempo em que o ego é alvo de fragmentação. É como se o *self*, enfraquecido por um objeto aparente, o atacasse na mente com violência, e nesse processo se despedaçasse; e, no entanto, paradoxalmente, o *self* se mantém coeso por acessos de jogar merda: a turbulência mental é tanto o outro perturbando o *self* como o *self* se agarrando a uma realidade. Nos estados mais extremos, em geral no hospital, os pacientes *borderline* de fato cospem, cagam e urinam em momentos de fúria, o que, entre outras coisas – e, logicamente, isso é sempre sobre-determinado – constitui tentativas de auto-restabelecimento através da libido: uma libido voltada para o corpo, contribuindo para um sensacionalismo psico-sensorial que sustenta o ego corporal. Nestes momentos, poderíamos nos lembrar do territorialismo excrementoso do

psicótico, que usa as excreções do corpo para demarcar a si mesmo, seu espaço vital e seus objetos de valor. Contudo, o mais típico do *borderline* é viver coberto de dor e de oscilações mentais, utilizando-se do afeto pelo efeito sensacional que ele proporciona, mais do que por sua função comunicativa. Este uso cumpre uma função autístico-somática.

É lamentável que muitos bem-intencionados esforços terapêuticos concebidos com o objetivo de fazer com que o paciente *borderline* entenda e utilize limites, que encontre expressões socialmente adequadas e que se adapte ao seu ambiente, freqüentemente reforcem o *falso self* da pessoa. Aqui, o *falso self* é uma tentativa de ficar sem afetos, de evitar envolvimento que porventura provoquem o *self*. O paciente pode até estar, inesperadamente, “dentro do contrato”, tentando regular os conflitos através de uma definição de acordos, e assim adquirindo segurança. Uma vez cheguei à sessão de uma pessoa com dois minutos de atraso, e ele passou aquela hora e as duas seguintes listando acordos entre nós sobre o que era ou não adequado sob tais circunstâncias, e tentando me fazer assinar um contrato: se eu repetisse o atraso, seria obrigado a receber dele uma justa retribuição. Contudo, esse *falso self* é construído em oposição a qualquer sentimento. Uma vez que os sentimentos são inconscientemente excitantes, despertando uma espécie de fome, o *borderline* sente-se como que escorregando para uma relação que se define por uma intensa turbulência. Assim, quando o analista comete um erro, o paciente não sabe o que fazer. Será que o analista está oferecendo, por um momento, um socorro oriundo do objeto primário, do tipo: “você está com fome de algo? Deseja se alimentar disso?” Nesta situação, o *borderline* se sente tentado. Mas, com freqüência, ele tentará se enredar em um *falso self*

É lamentável que muitos bem-intencionados esforços terapêuticos, concebidos com o objetivo de fazer com que o paciente *borderline* entenda e utilize limites, que encontre expressões socialmente adequadas e que se adapte ao seu ambiente, freqüentemente reforcem o *falso self* da pessoa.

